

Obrigada a viver

Contos

Tom Azevedo

Para Sandra

Índice

Obrigada a viver.....	7
Questão de ferramentas.....	9
Os vultos.....	25
Conheci a mulher que eu amo num sonho.....	57
Menino com futuro na cabeça....	83
A volta da.....	153
Nós estivemos vivos um dia.....	209
Minha insônia.....	289
Beijo na boca.....	341
Que aula é.....	361
Que aula é 2.....	373
Um garoto com o dom de admirar coisas bonitas e gostar do que era bom.....	409

Obrigada a viver

Um homem vestindo só a calça do terno, mas com gravata e as mangas da camisa branca arregaçadas até pouco abaixo dos cotovelos, com um papel na mão, abriu uma porta e olhou por ela.

- Como se chama? – perguntou.

- Rainha das Flores – respondeu a jovem sentada atrás de uma mesa, em uma sala pequena. – Era para ser Orquídea, mas meus pais resolveram pôr esse nome mesmo. Com A na frente, A Rainha das Flores. É claro que ninguém me chama assim, Srta. A Rainha das Flores, é mais Srta. Rainha das Flores. Pessoas sem muita formalidade me

tratam por Srta. Rainha ou Srta. Das Flores. Quem tem intimidade me chama de dona Rainha ou dona das Flores. Ou só Rainha ou das Flores. Vivi em um país da América do Sul onde só me chamavam de das Flores. Eles tinham um modo de falar engraçado e diziam “Dasflôri”. O que o senhor quer?
- Avisar que está despedida.

Itaboraí 2003

* *

Questão de ferramentas

A diferença nas técnicas de fabricação das indústrias líticas dá origem a tradições diversas. Por exemplo, na feitura de um objeto podia-se desbastar um sílex e usar o núcleo de pedra assim obtido, desprezando as lascas, ou, ao contrário, aproveitar as lascas e jogar fora o núcleo. Menshin reconheceu uma terceira tradição, a de lâminas, lascas alongadas de arestas quase paralelas, mais recente que as anteriores. Depois da Segunda Guerra Mundial, Movius reconheceu ainda outra tradição mais antiga, afro-asiática, a que denominou de “chopper-chopping”; trata-se de uma indústria lítica de seixos

rolados lascados, muito primitiva; é deste tipo a indústria lítica dos australopitecíneos. Ainda mais recentemente, Dart reconhece um estágio cultural pré-lítico, que denominou de osteodontoquerático [termo composto de radicais gregos que significam osso+dente+chifre] para caracterizar armas e utensílios desses materiais usados pelos australopitecíneos da África antes da fabricação dos mais rudimentares objetos de pedra; seria essa a cultura mais antiga dos primeiros homínídeos, que só mais tarde começariam a usar a pedra. É provável que, ainda antes desse estágio, os primeiros homínídeos se hajam utilizado de galhos ou forquetes de madeira, mas não há provas, só se pode presumir, ainda que com certo grau de plausibilidade. Conste que o tempo varia

de formas diferentes nas diversas partes do mundo. Os fueguinos, por exemplo, na ponta meridional extrema da América do Sul, estavam em pleno mesolítico quando entraram pela primeira vez em contato com os brancos no século XVI.

A Pré-História se estende por toda a terra habitável e vai de cerca de um milhão de anos atrás até o IV milênio a.C., durante o qual foi descoberta a escrita. 99% desse longo período, desde o começo até uns 9.000 anos a.C., cabe ao Paleolítico.

O “*Homo sapiens nanderthalensis*”, uma variedade da nossa espécie, surgiu na terra no começo do Paleolítico Médio. Ele viveu no início da última glaciação entre 80.000 e 35.000 anos a.C, aproximadamente, na Europa e no Oriente Próximo. O Paleolítico Superior marca a hegemonia de homens como

nós, da variedade ‘Homo sapiens sapiens’, já com diversas raças, Cro-Magnon, Grimaldi etc. Tem início na Europa Ocidental há uns 40.000 a.C.

A idade da Terra, calculada por métodos radiocronológicos, é estimada em 4,6 bilhões de anos.

Origem da vida. Os progressos obtidos na síntese de substâncias orgânicas mais complexas demonstraram que os “tijolos da vida” que abundam no cosmos puderam também se formar na Terra, na atmosfera que reinava há aproximadamente 5×10^9 anos.

O Big-Bang, se existiu, foi há 10 bilhões de anos.

Choveu muito nas últimas horas e o chão de areia e argila estava encharcado. Formavam-se sulcos profundos no terreno em volta do poço. Os sulcos como que delimitavam muralhas de terra

e barro, muitas com extensão de dezenas de metros e cuja profundidade se ignorava. Algumas delas eram estreitas, com três ou quatro metros de largura, todas estas muralhas de terra e barro como que desprendidas do corpo principal da terra, que não se sabia mais onde era, mantinham-se de pé em equilíbrio instável e era um milagre que ainda não tivessem caído todas. Haveria uma avalanche, com toneladas de terra encharcada.

Não se sabia o que havia no poço – uma menina desapareceu de casa durante o vendaval e não se teve mais notícias dela. Os pais dela desesperados a procuravam por toda parte. A menina tinha quatro anos. Alguém se lembrou do poço e assim se criou a suspeita de que a menina de quatro anos estivesse no fundo do poço, sofreu uma queda.

Ignorava-se que quantidade de água havia no fundo do poço e se a menina de fato caiu no poço poderia estar morta, afogada, como podia ter morrido da queda. O vendaval foi no fim do dia anterior.

Ninguém se atrevia a se aproximar da borda do poço por causa das rachaduras na terra. O poço poderia desabar de um momento para outro, e não só a menina, caso não estivesse morta ainda, o que segundo um critério judioso seria no mínimo altamente improvável, como quem se aproximasse seriam mortos, soterrados sob a avalanche. A garotinha, se caiu no poço, estava ali desde a véspera, tomou muita chuva e mesmo que não houvesse muita água no fundo do poço e tivesse sobrevivido à queda ainda assim poderia estar morta, podia ter morrido de frio,

podia ter contraído uma pneumonia grave que a matou durante a noite

A menina de quatro anos chamava-se Manon, a pequena Manon, era filha de um pedreiro, de nome Gildo Soutine, a mulher dele, mãe de Manon, chamava-se Eudia e tinha dezenove anos. Eudia e Gildo Soutine queriam se aproximar da borda do poço para ver se a filha deles estava lá. Os vizinhos não permitiram, devido ao risco de desabamento – se a garotinha estivesse no fundo do poço e permanecia com vida morreria no soterramento, e seus pais também morreriam. Os bombeiros estão a caminho, eles disseram, vão saber o que fazer. Os pais de Manon estavam em estado de choque, fora de si, desvairados e precisavam ser contidos à força para não irem até a borda do poço. Havia uma multidão naquela área, a uma distância

segura da borda do poço. Ninguém afirmava que a pequena Manon tivesse caído naquele poço. Mas todos pareciam dar por certo que o corpinho dela jazia no fundo de poço. Era mais lógico pensar que estivesse morta, no fundo do poço. Mas talvez estivesse viva. Muita gente acreditava em milagres.

O avião foi inventado pelo brasileiro Santos Dumont em 1906. O helicóptero veio logo depois, uma consequência natural da invenção do avião.

Assim que amanheceu um helicóptero dos bombeiros sobrevoou a área atingida a uma grande altura para que o vento produzido pelas hélices não desestabilizasse ainda mais o terreno. Com auxílio de um binóculo um bombeiro inspecionou as adjacências do poço e o poço.

- Tem uma menina caída no fundo do poço – informou pelo rádio. – Daqui não dá para ver se está morta ou viva, não se mexe. Tem muita água embaixo dela, mas a cabeça ficou em cima de uma pedra. O terreno em volta do poço está uma areia movediça. Qualquer passo lá em baixo e toda a terra vai desmoronar e soterrar o poço. Mesmo que ninguém se mexa lá em baixo o terreno vai desabar – prosseguiu a voz angustiada do bombeiro pelo rádio. – Não sei como não aconteceu ainda. Vai cair nos próximos minutos, ou em segundos. Parece tudo perdido. O poço tem oitenta centímetros de largura. Uns doze metros de fundura.

Em baixo chegaram a polícia e mais bombeiros. Evitavam que os curiosos se aproximassem do poço mas era desnecessário, não havia quem não soubesse que constituía um risco enorme

chegar perto do poço, principalmente se a menina estivesse lá dentro. Mesmo que estivesse morta seu corpinho não poderia ser achado para ter um enterro digno em um cemitério.

- A menina caiu no fundo do poço – informou um bombeiro, que recebeu comunicação por rádio do quartel.

A mãe e o pai se desesperaram – ficaram piores do que já estavam, se era isto possível.

- Quais são as instruções?

- Nenhuma. Aguarde.

Um oficial subalterno conversou por rádio com o bombeiro que comandava as operações na área do acidente. O comandante do batalhão se comunicou por rádio com um comando militar.

- Diga ao bombeiro que desça ao fundo do poço – disse a um auxiliar